



## INTRODUÇÃO

---

**A** insegurança de nossos dias continua provocando um crescente interesse pelos “fins dos tempos”. O anseio que o cristão sente para “saber os tempos e as estações” não é fenômeno apenas do século XX. O povo de Israel há mais de dois mil anos já ouvia a voz dos profetas os quais anunciavam que a justiça de Deus haveria de por fim a todos os males. Naquele dia o Senhor visitaria os ímpios com justiça e os castigaria, segundo a aplicação da lei divina (Jr 6.15; 10.15; 46.21; 51.6), enquanto para o verdadeiro povo de Deus haveria salvação eterna (Sl 80.16; 105.3; Sf 3.16, 19). O livro dos Jubileus manifesta a esperança do fim dessa era e o início de uma nova. (*eschaton kairos*). A compreensão cristã do fim é escatológica, dividindo-se em duas fases: primeira, o advento de Jesus Cristo, que ocorreu há mais de dois mil anos, culminando com sua parúsia ou a segunda vinda em um futuro desconhecido.

Segundo o Novo Testamento, o fim (*eschaton*) foi inaugurado com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Messias. Os “últi-

mos dias” (Hb 1.2) já começaram. Paulo afirma: “Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho” (Gl 4.4), apontando para o início de uma nova época.

Sobre essa assunto, declara H. C. Hahn:

O fator decisivamente novo e constitutivo para qualquer conceito cristão de tempo é a convicção de que, com a vinda de Cristo um *Kairos* único surgiu — pelo qual todo o tempo está determinado.<sup>1</sup>

As afirmações do *Magnificat* (Lc 1.46-55) e do *Benedictus* (Lc 1.68-79), bem como da pregação de João Batista revelam esse mesmo ponto de vista, como destacou Joachim Jeremias:

A mensagem que Jesus pregou anunciava: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo” (Mc 1.15). A intervenção divina já estava sendo manifestada ali — logo a catástrofe que acompanhará o fim do dia do Senhor, deverá ser aguardada. Urge utilizar bem o tempo (os *kairos*) antes que seja tarde, pois é uma questão de vida ou morte!<sup>2</sup>

Essa nova era é caracterizada pela graça, conforme as profecias do Antigo Testamento. Deus dá oportunidade para o arrependimento até o fim (Rm 3.21; 16.25; Ef 3.8; Cl 1.26). Aquele que pela fé e compromisso de obediência aceitar a Jesus como Senhor agora, receberá a vida eterna (“vem a hora, e já chegou”; Jo 5.25). Assim entendemos a linguagem de Paulo “eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação” (2Co 6.2).

Com a encarnação, a paixão e a ressurreição de Cristo, a antiga era (*aiôn*) fatalmente está condenada e sentenciada, mas não terminada. O tempo presente de justiça divina é o tempo completo de Deus, em

<sup>1</sup> “Time”. *New International Dictionary of New Testament Theology*, p. 837.

<sup>2</sup> *New Testament Theology*, I, p. 139.

que ele oferece seu favor redentor a todos que renunciam a antiga era, crêem no Senhor da nova era e se batizam em seu nome. Desse modo, identificam-se com o novo povo de Cristo, como afirma o apóstolo Paulo: “E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram, eis que se fizeram novas” (2Co 5.17).

O intervalo entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo, reconhecido como o período da graça salvadora, é, igualmente, tempo de crise, justamente porque quem não recebe o convite para salvar-se desta amaldiçoada geração será condenado com ela (Lc 3.7). Deus não revelou em parte alguma quando o intervalo da graça terminará (Mc 13.32). Apesar disso, muitos tentaram determinar uma data específica.<sup>3</sup> A ira de Deus há de vir sobre os que não estiverem preparados, assim como aconteceu com os contemporâneos de Noé quando ocorreu o dilúvio (Mt 24.38). O relógio de Deus não pára. Ninguém tem condições de precisar a hora em que seu “despertador” soará, desencadeando o furor da justiça sobre toda iniquidade humana.

Afirmar essa posição quanto ao tempo da vinda de Cristo não encerra o assunto. O Novo Testamento tem muito a dizer sobre a escatologia, oferecendo um vasto campo para os intérpretes da Bíblia criarem seus sistemas ou quadros sobre o fim.

<sup>3</sup> Como Guilherme Miller, no século XIX, e Hal Lindsay, no XX.





## CAPÍTULO 1

# O PROBLEMA HERMENÊUTICO

---

A questão fundamental da interpretação (hermenêutica) explica em grande parte a divergência sobre a escatologia que caracteriza o mundo evangélico. Diferenças sobre escatologia na compreensão do significado das passagens bíblicas têm conduzido estudiosos a diferentes posições. Uma das figuras não evangélicas mais notáveis da geração passada foi Albert Schweitzer. Em *A busca do Jesus histórico*, ele desafiou os intérpretes idealistas alemães de sua época, acusando-os de entenderem erroneamente (intencionalmente?) o que a Bíblia apresenta no campo da escatologia. O modo de Schweitzer interpretar a Bíblia tornou-se novamente popular. Procurou se, mais uma vez, interpretar o ensino escatológico de Jesus “realisticamente”.<sup>1</sup>

Se cremos que Jesus e os apóstolos comunicaram a verdade, concordamos com Schweitzer que devemos entender as palavras deles com o sentido que queriam comunicar, em vez de simplesmente espi-

<sup>1</sup> Cf. ERICKSON, M. J., *Opções contemporâneas na escatologia*, p. 19-25.

ritualizar seus ensinamentos sobre o futuro. Infelizmente, Schweitzer concluiu: Jesus foi um apocalíptico iludido, que esperava um fim cataclísmico, por meio do qual o reino de Deus seria inaugurado. Nada disso nos encanta, tampouco nos convence. Quem crê em Cristo confia na veracidade do seu ensino.

Pouco depois surgiu a “escatologia realizada”, de Charles Dodd, que procurou convencer seus leitores de que a escatologia encontrada no Novo Testamento era mais do que um cumprimento da expectativa profética da esperança do Antigo Testamento. O reino de Deus, prometido nas Escrituras, já chegou em Jesus. Após sua exaltação, ele reina na glória. As promessas sobre o fim foram cumpridas na época de Jesus para a elucidação da visão que o Novo Testamento apresenta sobre o futuro.<sup>2</sup>

Ainda que algumas idéias de Dodd tenham sido benéficas, o mundo evangélico de hoje está convencido de que nem toda a escatologia se realizou. Há mais para acontecer, muito mais. O pensador evangélico George Ladd alcançou o ponto de vista de Cristo e dos apóstolos, quando divulgou a posição que ele chama de “escatologia inaugurada”. Essa posição acuradamente apresenta o período da encarnação de Cristo, sua vida, paixão e exaltação, o derramamento do Espírito e a inclusão dos gentios no novo Israel, como o cumprimento das predições dos profetas do Antigo Testamento (Lc 24.25, 32, 44). Assim, o reino veio na pessoa de Jesus Cristo e seu ministério, legitimamente, mas não integralmente. Ainda há mais para se cumprir quando o parcial cederá à totalidade do fim (*telos*). Desse modo, a visão que temos da promessa divina como por um espelho será substituída pela realidade do encontro face a face que Paulo chama “o perfeito” (*teleion*; 1Co 13.10).

Todas as posições escatológicas apresentam complicações na área da interpretação da Bíblia. As variadas maneiras de entender a profecia preditiva mostram que os que tentam explicar as numerosas passagens escatológicas têm atitudes divergentes quanto à legitimidade de certos métodos de sustentar interpretações que não são suas.

<sup>2</sup> Ibid., p. 26-7.